

# A formação da vida intelectual e o ato de ensinar do professor

## *The intellectual life formation and the teacher act of teaching*

### **Willian Kalinowski**

Doutorando em Filosofia pela UFPEL

Bolsista CAPES

willianka2013@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6425-3301>

**Resumo:** Neste artigo, a partir de Antonin-Dalmace Sertillanges e Santo Tomás de Aquino, abordaremos dois aspectos da vida do professor: 1) a *vida intelectual* como vocação interior, que exige espírito, condições e métodos que possibilitem a *estudiosidade*, e 2) a partir de Santo Tomás de Aquino, veremos se o *ato de ensinar*, após os conhecimentos adquiridos na *vida intelectual*, é ato da vida contemplativa ou da vida ativa. Esperamos compreender em que medida a vida intelectual possibilita os meios para a formação do mestre e como o *ato de ensinar*, após os conhecimentos adquiridos pelo professor na vida de estudos, transforma-se em ato da vida ativa.

**Palavras-chave:** Vida intelectual; estudiosidade; ato de ensinar.

**Abstract:** *In this article, based on Antonin-Dalmace Sertillanges and Saint Thomas Aquinas, we will address two aspects of the teacher's life: 1) intellectual life as an inner vocation, which requires spirit, conditions and methods that enable studiousness, and 2) from Saint Thomas Aquinas, we will see whether the act of teaching, after the knowledge acquired in intellectual life, is an act of contemplative life or active life. We hope to understand to what extent intellectual life provides the means for training a master and how the act of teaching, after the knowledge acquired by the teacher in his life of studies, becomes an act of active life.*

**Keywords:** *Intellectual life; studiousness; act of teaching.*

## Introdução

Neste artigo procuraremos apontar em que consiste a formação da *vida intelectual* do professor e como, após o contínuo processo de formação do intelecto e do caráter, o professor pode ensinar, transmitir e iluminar em seus alunos a ciência que adquiriu ao longo de uma sólida vida intelectual, fazendo uso dos princípios e potências naturais de cada aluno. Como referenciais teóricos utilizaremos as obras *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*, de Antonin-Dalmace Sertillanges, e *De Magistro: sobre o Mestre*, de Santo Tomás de Aquino.

A partir da obra do teólogo francês Sertillanges, analisaremos alguns pontos que entendemos pertinentes para nossa argumentação em torno da constituição da vida de estudos do professor. Todavia, tentaremos apresentar o objetivo integral do autor ao escrever aquele livro. Em Santo Tomás, faremos uso de todo o escrito sobre o ensino, porém, com ênfase no último artigo, que discute se o *ato de ensinar* é ato da vida contemplativa ou da vida ativa. É importante ressaltar que não pretendemos discutir profundamente o que Santo Tomás afirma ser o ensino, mas sim como se dá o *ato de ensinar*, tendo como premissas que o professor ensina para que o aluno atualize todas as suas potências naturais, principalmente o *intellectus* e a *voluntas*, pois estas são as potências superiores da alma humana.

Em *A vida intelectual*, Sertillanges escreve que a formação intelectual é um processo infinito e contínuo. A realidade, que é fonte do conhecimento, é um mar onde o oxigênio para o mergulho é sempre insuficiente. O desenvolvimento da vida intelectual do mestre está intimamente vinculado à contemplação e à sua vida de estudos. *A vida intelectual* é uma vocação à qual é chamado o professor. Um chamado à entrega da própria vida em busca do saber e da formação intelectual: “Ela exige uma séria resolução. A vida de estudos é austera e impõem pesadas obrigações. Ela recompensa, e largamente, mas requer uma dedicação de que poucos são capazes” (SERTILLANGES, 2019, p. 19).

Por outro lado, quais são os desdobramentos da formação intelectual na vida pedagógica? O mundo, segundo Sertillanges, precisa de luz, todavia, como adquirir essa luz que tanto o mundo quanto os alunos que estão no mundo precisam? E após adquiri-la, como preparar o campo para iluminar o aluno? Como ajudar o aluno a atualizar as suas potências e capacidades naturais? Como contribuir para que o aluno desenvolva virtudes e hábitos para o bem de seu ser e de sua personalidade? Para poder exercer seu papel de mestre e condutor das soluções dessas questões, é preciso, de fato, que o professor estude.

No entanto, ao professor, que quer ensinar seus alunos, basta uma vida intelectual, contemplativa? Para responder a esta pergunta, vamos recorrer à obra *Questões disputadas sobre a Verdade*, sobretudo a questão 11, chamada de *De Magistro*. Como dito anteriormente, não desejamos neste artigo definir o que é ensino, mas pretendemos mostrar como Santo Tomás entende o modo de ensinar: *algo em potência na vida contemplativa e ato na vida ativa*. Tendo como pressuposto a vida contemplativa, ou

seja, uma sólida formação intelectual, que atualiza a vida da inteligência do professor e o coloca à disposição para o ato da vida ativa, no ensinar, Santo Tomás (*De Veritate*, q. 11, a. 1, resp) diz: “Pelo modo de ensinar, se faz no discípulo a ciência semelhante à que está no mestre, levada de potência ao ato”. Notem bem: o discípulo possui em si naturalmente a potência do *intellectus* para o saber e o conhecer. Sabendo disso, o professor deve, por meio do ato de ensinar, ensinando as conclusões, causas e premissas, conduzir o aluno à plena atualização de suas próprias capacidades e potências. Logo, em seu fim último, a sabedoria do professor somente se realiza no *ato de ensinar*, ou seja, pela vida ativa ao ensinar e conduzir seu aluno no conhecimento da realidade.

### **A vida intelectual como vocação**

O professor, é um intelectual, e precisamos ter isso sempre em mente. É ele quem vai ensinar as conclusões que sua inteligência outrora aprendeu — seja pelo intelecto dos primeiros princípios, seja pela razão discursiva —, e isso se desenvolve por meio de sua vida intelectual, que tem como objeto o ente, a realidade. Sertillanges nos auxiliará a conceituar, ou seja, a compreendermos o que é a vida intelectual. Qual sua essência, isto é, o que ela é. Para que depois de defini-la possamos dar passos para entender sua formação, isto é, como ela deve ser.

Sertillanges (2019), seguindo Tomás de Aquino, entende que a vida intelectual se realiza pela contemplação da realidade, que tem como centro a *virtude da estudiosidade*<sup>1</sup>. Com isso, não é a vida intelectual uma atividade qualquer. Sua essência é viver para o desdobramento da intelectualidade e do espírito, que é *o ato próprio da vida humana*. A vida intelectual que o professor deve levar é um todo orgânico, um estilo de vida, e não simplesmente uma atividade intelectual qualquer, como a técnica, muitas vezes, simplesmente, para ganhar seu salário.

A inteligência é a potência que nos permite conhecer o ente e sua essência, e o próprio do sábio é conhecer para depois ordenar. (TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. 1, C. 2). É preciso ter em mente, desde já, esta verdade introdutória para Santo Tomás (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I-II, q. 57.): *o bem do intelecto, constantemente, é a verdade*. Ora, as virtudes intelectuais especulativas, segundo o autor da *Questão disputada De Magistro*, aperfeiçoam o intelecto a especular sumamente bem: *especular sobre aquelas verdades evidentes; especular sobre aquelas verdades não evidentes*. Os hábitos intelectuais aperfeiçoam a parte intelectual. Por isso, ao adquirir esses hábitos, a obra da inteligência que é descobrir o essencial, acaba se tornando mais madura, consistente e perfeita naquilo que lhe é próprio. O intelecto, ao apreender o ente e sua essência, executa sua atividade própria. Este é, para Santo Tomás (*De Veritate*, q. 1. a. 1, resp), o ato do intelecto. Todavia, todo ente humano conhece objetos, ou diretamente ou por um intermediário. Na *Suma Teológica*, no *Tratado das virtudes em geral*, especialmente na questão 57, o Aquinate fala sobre as virtudes intelectuais especulativas. O conhecimento dos primeiros princípios é direto. É *o hábito do intellectus* que aperfeiçoa essa disposição primeira e imediata do intelecto. A *scientia* é um hábito especulativo adquirido, cuja disposição leva o intelecto ao

---

<sup>1</sup> Santo Tomás dedica toda a questão 166 da II-II da *Suma Teológica* ao estudo da virtude da estudiosidade, que tem por objeto o próprio conhecimento.

conhecimento de uma conclusão a outra, “aperfeiçoa o intelecto para o que é último num determinado gênero de cognoscíveis” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I-II, q. 57, a. 2, resp). Por exemplo, o médico que estuda medicina, conhece as causas do corpo, da saúde, e junto com a técnica que deve adquirir pela experiência, possui um hábito da ciência médica ou da cura do corpo.

O *intellectus*, que pela apreensão simples consegue conhecer o ente, ou melhor, inteligir um aspecto da realidade universal, aponta sua miséria e grandeza frente a toda realidade. Miséria, uma vez que seu conhecimento é limitado e se inclina ao ilimitado, sempre em potência em relação ao todo da realidade. Grandeza, visto que alcança o essencial das coisas, atividade própria do homem. Por fim, ensina Santo Tomás (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I-II, q. 57, a. 2, resp)) que, pelo hábito da *sapientia*, o intelecto se aperfeiçoa no conhecimento das realidades que estão no último grau, não sabidas imediatamente, mas que pelo raciocínio se chega ao conhecimento das causas primeiras e mais elevadas. Aqui o ser intelectual julga e ordena todas as coisas. E, em certas situações, por se habituar na sabedoria, pode o homem ser chamado de filósofo, o amigo da sabedoria. Portanto, o hábito intelectual é de suma importância para a realização do próprio ato de ser do homem, pois quanto mais habituado a conhecer a verdade, mais racional e conforme a sua natureza ele será. Deste modo, podemos dizer que *a virtude* e *o conhecer* possuem uma ligação íntima.

O objetivo de Sertillanges, em *A vida intelectual*, retomando-o, é mostrar ao pretense intelectual métodos eficazes à aprendizagem e ao desenvolvimento dos hábitos intelectuais, mas para isso é preciso que adquiramos um outro hábito: *a estudiosidade*. Aqui surge a ideia central do livro: é preciso dispor e organizar a vida para se conseguir uma vida intelectual, é preciso acima de tudo moderar o apetite intelectual para chegar à verdade, é necessário dizer não à vã curiosidade que impede a inteligência de aprofundar seu olhar para *a essência das coisas*, pois só assim é possível alcançar o *intellectus*, a *scientia* e a *sapiência*. Por isso, Sertillanges não reduz a vida intelectual a uma simples operação comum, mas a define como uma verdadeira vocação intelectual, organizada e disposta pela virtude da *estudiosidade*. A vida intelectual é uma vocação. Eis aí o conceito de vida intelectual:

Falar de vocação é referir-se àqueles que pretendem fazer do trabalho intelectual sua própria vida, tanto os que têm todo seu tempo para dedicar ao estudo, como os que, empenhados em ocupações profissionais, reservam para si, como feliz suplemento e recompensa, o desenvolvimento profundo do espírito. (SERTILLANGES, 2019, p. 27)

Não há a limitação de chamar intelectual somente aquele que dedicasse exclusivamente ao estudo, mas àqueles que deixam seu espírito se abrir e transformar pela verdade. Por isso, construir uma autêntica vida intelectual também é possível àqueles que não possuem seu tempo em integralidade ao cultivo dos saberes, mas que resolveram responder às exigências e responsabilidades da vida intelectual. Realizar suas obrigações e depositar seu tempo mais agradável e frutífero a longos treinamentos, ou seja, organizar sua vida neste mundo completamente caótico para se chegar a um profundo conhecimento, e assim receber a recompensa da verdade. Isso é possível pelo fato de que em toda parte — e em todo momento — estamos em

contato com as coisas, com a realidade, e, por isso, é possível que o *intelectual-professor* consiga apreender dessa realidade alguma verdade, algo que seja íntimo e verdadeiro.

Contemplar a verdade é realização, ato de desenvolver o espírito, e somente aquele que, efetivamente, pela entrega de si e pela resposta à vida de estudos como vocação, pode gradativa e continuamente se atualizar pelo saber. Para responder ao chamado e contemplar a verdade, que é eterna e impessoal, e que está também dentro de nós, como sentido e fundamento de nossa existência, é preciso profundidade e penetração. Pelas palavras de Sertillanges, vejamos a seriedade do assunto:

Digo profundo para descartar a ideia de um verniz superficial. Uma vocação não se satisfaz com vagas leituras e pequenos trabalhos dispersos. Exige penetração e continuidade, um esforço metódico, que vise uma plenitude que corresponda ao apelo do Espírito e aos recursos que Ele nos quis comunicar. Esse apelo não pode ser prejulgado. Entrar por um caminho que não se pode trilhar com segurança só pode resultar em fracassos. (SERTILLANGES, 2019, p. 27)

Para o vocacionado à vida intelectual, como vemos, é necessário antes de tudo um discernimento sobre a seriedade desse grandioso chamado, realizado pelo próprio Deus no interior do intelectual. Muitos nascem com essa disposição para o *maravilhamento*, para a *admiração* que os impulsiona ao filosofar, ao conhecer, com dizia Aristóteles:

Os homens começam e começaram a filosofar movidos pela admiração (thaumazein); a princípio, admirados com os fenômenos surpreendentes mais comuns; logo, avançando pouco a pouco, e colocando-se problemas maiores, como as mudanças da lua e os relativos ao sol e as estrelas, e sobre a geração do universo. No entanto, quem se coloca um problema ou se admira, reconhece sua ignorância. De fato, se filosofaram para fugir de sua ignorância, é claro que buscavam o saber em vista do conhecimento e não por alguma utilidade. E assim atesta o ocorrido. Pois essa disciplina começou a ser buscada quando já existiam quase todas as coisas necessárias e relativas ao descanso e ao cuidado da vida (ARISTÓTELES, *Metafísica*, 982b).

Este discernimento, afirma Sertillanges, “acontece nos primeiros anos da formação, em uma formação provisória, que consideramos apenas como ponto de partida” (SERTILLANGES, 2019, p. 27).

Quando o autor de *A vida intelectual* descreve o modo de alcançar a profundidade dos saberes, podemos notar que, junto à noção de busca da sabedoria profunda, abrangente e verdadeira, está uma noção de espírito, de movimento da alma que pressupõe a preparação do ambiente que possibilite a penetração e a comunicação das verdades ao intelecto. Isso se dá na vida interior, na solidão e intimidade consigo mesmo:

Quando a calma do silêncio instaura-se em você e somente o fogo sagrado crepita, longe da balbúrdia das ruas, e quando a paz, que é a tranquilidade da ordem, estabelece a ordem do pensamentos, dos sentimentos, das investigações, você está na disposição ideal para aprender, você é capaz de reunir, para depois criar; está exatamente no umbral da obra: não é momento para pensar nas misérias, para deixar correr o tempo e vender o Céu por ninharias. A solidão permite-lhe estar em contato consigo mesmo, contato absolutamente necessário se você quer realizar-se, você, alguém que não pretende ser o papagaio de algumas fórmulas aprendidas, mas o profeta de Deus do interior que a cada um fala uma

linguagem única. (SERTILLANGES, 2019, p. 61)

O homem demora a descobrir o valor da solidão na sua educação intelectual, quando percebe, descobre um tesouro que ninguém mais lhe tira. Sertillanges também garante que a busca do saber para um vocacionado à intelectualidade deve ser desinteressada, ou seja, a sabedoria basta por si mesma. Da mesma forma pensava Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1072b 14-30). A esse respeito, Sertillanges continua:

Além do imenso interesse da realização de si mesmo em plenitude, o estudo de uma vocação intelectual tem um interesse geral que ninguém pode se furtar. [...] Isso supõem que você vem à vida intelectual com propósitos desinteressados, não por ambição ou tola gloriola. Os guizos da publicidade só tentam os espíritos fúteis. A ambição subjugando a Verdade eterna, ofende-a. Brincar com as principais questões sobre a vida e a morte, com a misteriosa natureza, com Deus, forjar um destino literário ou filosófico às custas do verdadeiro ou independente do verdadeiro, não é um sacrilégio? Tais objetivos, e sobretudo o primeiro, não sustentam um buscador; em pouco tempo o esforço murcharia e a vaidade acabaria se contentando com o vazio, desprezando as realidades. (SERTILLANGES, 2019, p. 29)

Austeridade no ensino da verdade! Seriedade! É a atividade humana por excelência, grita Aristóteles. “O ato de Deus, ato de incomparável bem-aventurança, não pode ser senão um ato contemplativo. E dos atos humanos o mais feliz será o que mais perto puder estar daquele ato divino” (Ética a Nicômaco, 1178b 21-23).<sup>2</sup> O intelectual responde a esse chamado desinteressado, e pode, a partir de uma resposta definitiva e interior, viver sua vida de estudos. Somente após a compreensão da grandiosidade desta missão poderá o estudioso pensar em como adquirir conhecimento, qual o conhecimento a buscar, quais os meios a empregar, e como desfrutá-lo. Vemos na citação acima com clareza a grande responsabilidade que possuímos não só como estudiosos — acadêmicos ou não — mas, ainda, como mestres e professores daquelas almas que vêm até nós com a ânsia e o desejo natural de saber. Essa passagem nos recorda a diferença que há entre um intelectual, homem que quer aprender e ensinar a verdade, e um sofista, aquele que está interessado apenas na aparência de ser intelectual.

Um dos meios de desfrutar e provar com seriedade o trabalho criador é ensinando a verdade conhecida. Todos os alunos carecem e anseiam por isso. Veremos mais adiante, com o auxílio de Santo Tomás de Aquino, como se dá o *ato de ensinar*, após formada a base intelectual do professor. É preciso também a prática, ainda mais para o professor.

Vejamos agora como Sertillanges entende o processo de aquisição do conteúdo da ciência, quais as condições de espírito para tal, as virtudes necessárias, e, por fim, se há uma ciência a ser investigada e apreendida.

### **A virtude contém a intelectualidade em potência**

A definição de vida intelectual como vocação consagra todas as atividades do pensar com a necessidade de *ordená-las* em busca da ciência. Ao compreender a necessidade de formar o espírito à aquisição do conhecimento, o intelectual precisa

---

<sup>2</sup> Vejam que Aristóteles fala “ato de Deus”, não dos deuses. Quão longe chegou Aristóteles no conhecimento de Deus pela luz da razão natural!

preparar o espírito, fazendo-o terreno fértil para as plantas da sabedoria. Para isso, são necessárias virtudes. É o que compreende Sertillanges quando diz: “A virtude contém a intelectualidade em potência” (SERTILLANGES, 2019, p. 37). Se pensarmos o amor ao conhecimento como ponto de partida, a *estudiosidade* como meio principal e a sabedoria como seu fim, então, é a virtude que nos conduz ao nosso fim, que nos ajuda a afastar a mesquinha, a vil curiosidade e a ordenar nossa vida em condições de moldá-la com hábitos e ações que se relacionem com o corpo e ajudem a bem conduzir à alma. Nesse sentido, afirma o autor de *A vida intelectual*: “A ciência depende de nossas orientações passionais e morais” (SERTILLANGES, 2019, p. 37).

No campo da virtude, Sertillanges aponta também quais são os inimigos, isto é, os vícios opostos à virtude. Inimigos que enfraquecem todas as faculdades da alma e da vida humana, inclusive a de se aprofundar no conhecimento da verdade. Vejamos a Tabela 1 que esquematiza os “inimigos da alma” elencados por Sertillanges:

**Tabela 1: “Inimigos da alma” na aquisição do conhecimento.**

Vícios e obstáculos para a estudiosidade:	1 - A ignorância da inteligência;
	2 - A preguiça da vontade;
	3 - A sensualidade das paixões;
	4 - O orgulho de si mesmo;
	5 - A inveja do bem do outro;
	6 - A irritação por um suposto mal a si.

**Fonte: Autoria própria.**

Estes inimigos, isto é, as paixões da parte inferior da alma — a estultícia, a preguiça, a sensualidade ou luxúria, o orgulho, a inveja e a irritação — são os vícios e obstáculos apontados por Sertillanges que desordenam o estudioso no caminho de sua realização e na aquisição da ciência e da sabedoria:

As grandes intuições pessoais vêm, assim com o valor do aperfeiçoamento moral, do desapego de si mesmo e das banalidades rotineiras, da humildade, da simplicidade, da disciplina dos sentidos e da imaginação, do empenho em alcançar os grandes fins. [...] não será mais ou menos tudo isso que significa a expressão: Os grandes pensamentos vêm do coração? (SERTILLANGES, 2019, p. 41)

No âmbito moral, o filósofo francês afirma que quanto maior a virtude, mais fecundo será o estudo. A paixão, para Sertillanges, ao contrário, enfraquece a inteligência. De fato, a paixão centraliza as atividades da alma sobre seu objeto e, ao mesmo tempo, suspende qualquer forma de atividade independente da inteligência que não seja aspirada pelos fins da paixão. Produz-se, assim, uma espécie de unificação da alma na vida inferior, um empobrecimento da vida autêntica do homem. Uma escravização daquilo que há de mais superior, uma cegueira do espírito (JOLIVET, 1953, p. 183).

Por essa razão, o intelectual deve estar preparado para adquirir a virtude e nela crescer: é a virtude que orienta a vocação intelectual. Trata-se aqui da aquisição das virtudes morais cardeais definidas por Sertillanges (2019, p. 39): *prudência, justiça, temperança e fortaleza*. Além disso, nesta perspectiva, a *estudiosidade* é apontada como a virtude própria do intelectual. Uma *studiositas* moderada, virtude anexa à temperança, que não permite o excesso da curiosidade, que é um vício, mas conduz o espírito ao encontro das coisas e, no final, da Verdade Eterna. O autor de *A vida intelectual* ainda

adverte que é necessário manter um espírito de oração e também cuidar da disciplina da saúde higiênica e física do corpo.

## O campo do estudo

Entendemos então o que é a vida intelectual, vimos que não se trata apenas de uma resolução qualquer, mas, antes, de uma decisão convicta e firme de responder positivamente ao chamado que o conhecimento sério e profundo exige. Em seguida, vimos a necessidade de um espírito próprio do intelectual, um modo de vida, que vem por meio da prática das virtudes, especialmente, pela prática da virtude da *estudiosidade*, que somente surge quando acompanhada por outras virtudes chamadas morais e intelectuais. Para isso, é necessário organizar a vida, seja a ação, seja a vida interior. A solidão é importante. Tudo culminará em um solo fértil para o estudo. Neste ponto, Sertillanges nos aponta o que plantar, isto é, qual deve ser o campo do trabalho ao que o intelectual deve dedicar-se.

O intelectual precisa abastecer seu intelecto com a verdade que vem pelo sensível, mas não se limita a ele e é objetiva. O pensador deve consagrar seu tempo à busca da verdade, Sertillanges (2019, p. 75) nos diz que o “estudo é uma oração à verdade”. Há inspiração para o trabalho intelectual em tudo, e a todo tempo. Em tudo há uma realidade que pode ser pensada e estudada. Em tudo há ser, em tudo há uma ideia. A esse respeito, escreve Sertillanges:

A verdade está mais disseminada que os móveis. Ela “clama nas ruas” e não nos abandona quando a abandonamos. As ideias estão nos fatos; estão também nas conversações, nos acasos, nos espetáculos, nas visitas e nos passeios, nas leituras mais banais. Tudo contém tesouros, porque tudo está em tudo, e em um certo número das leis da natureza que governam tudo o mais [...] Qualquer raio de luz pode levar ao sol; qualquer caminho aberto é um corredor que conduz a Deus. (SERTILLANGES, 2019, p. 78)

Sertillanges, todavia, diz que não é possível dar conselhos específicos quanto ao que cada um, particularmente, deve estudar. A escolha do objeto de estudo é sempre pessoal e parcial, conforme a vocação individual. Contudo, de um modo geral é possível organizar uma ideia básica de o que estudar. Ao abordar essa questão, Sertillanges propõe a noção de *ciência comparada*:

Entendemos por ciência comparada a ampliação das especialidades pela aproximação de todas as disciplinas conexas a elas e, em seguida, a relação dessas especialidades e de seu conjunto com a filosofia geral e com a teologia [...] nenhuma ciência basta-se a si mesma, nenhuma disciplina considerada isoladamente tem suficiente luz para seus próprios caminhos. Separada, ela se encolhe, murcha, debilita-se, e, na primeira oportunidade, extravia-se. (SERTILLANGES, 2019, p. 100)

A *ciência comparada* é um conjunto de ideias e diretrizes. Podemos compreender, a partir da passagem acima, que se trata do conjunto de toda a realidade que tornará o todo inteligível, e isto é essencial para o intelectual. Santo Tomás, no início da obra *Suma contra os Gentios*, afirma que é próprio do sábio ordenar. Para o filósofo escolástico, a ciência se equivalia à filosofia, de modo que uma parte do todo presente



em determinada ciência é mais bem compreendido na ciência posterior. Mostrando a ligação que há entre todos os saberes, formando o todo orgânico das disciplinas. Para compreender o que é o homem, não basta a biologia, pois são necessárias outras ciências, e assim, sucessivamente, até chegar a filosofia e a teologia. Seguindo esta mesma tradição podemos compreender o que é o conceito de *ciência comparada* proposta por Sertillanges. Após esta formação geral, o homem pode se especializar. De certa forma, pensando nos nossos dias, é isso que o currículo escolar desde o berçário até o terceiro ano do ensino médio permite. Nessa medida, a harmonia entre as diversas ciências possibilitará as bases para a compreensão e o estudo gradual do todo, e ampliará o espírito do intelectual: “Pode-se afirmar sem paradoxo que o mergulho profundo em qualquer ciência desemboca em outras ciências [...] portanto, se você quer preparar o caminho para ter um espírito aberto, claro, verdadeiramente rigoroso, desconfie, desde o início, da especialidade” (SERTILLANGES, 2019, p. 100).

A *ciência comparada*, em suma, permite o avanço no saber, possibilitando um olhar superior medido pela ordem, hierarquia e harmonia das coisas, de forma que uma é precisada e harmoniza com a outra. Somente após esse alargamento do espírito, segundo Sertillanges, é que o estudioso deve se especializar em uma ciência ou saber particular.

### **O tomismo como campo ideal do saber**

Ao teorizar uma *ciência comparada*, Sertillanges se dirige a todos aqueles que desejam adquirir uma base sólida para seus estudos. A organicidade da realidade é, para o autor de *A vida intelectual*, o que possibilita isso. Ao estudar uma ciência, cai-se em outra, e assim, para entender uma, faz-se necessária a outra. Para entender a mecânica, é necessária a matemática; para entender a gramática, é necessária a lógica; para entender a química, é necessário conhecer a biologia. O conhecimento científico é um conhecimento pelas causas, e existe uma ordem nas causas, sendo umas anteriores às outras e, ao mesmo tempo, o princípio e o complemento de cada uma. Para explicar o eclipse, é preciso entender a interposição da lua. Para entender a interposição, é preciso estudar as leis mecânicas do sistema solar, e essas leis, por sua vez, exigem o conhecimento da gravitação; para estudar as leis da gravidade, é preciso saber a constituição da matéria; e, para saber a constituição da matéria, é preciso conhecer Deus, o que se dá por meio do estudo das ciências teóricas ou da teologia. (GARDEIL, 2013, p. 55). Como em uma espiral, vamos alargando cada vez mais nosso espírito pelo conhecimento das causas das coisas. E assim, gradativamente, até compreendermos ainda de maneira obscura o todo ordenado que é a realidade. Esse panorama geral enriquece o espírito e o amadurece para encararmos a especialidade.

Anteriormente alertamos para a dificuldade de se apontar um caminho para o estudo individual, devido ao objeto e o desejo de estudo específico de cada um. Porém, com a ideia de *ciência comparada* de Sertillanges, compreendemos a necessidade, em um primeiro momento da formação, de buscarmos um conhecimento que conceda amplitude de espírito, devido ao desejo de estabelecermos as bases das disciplinas de modo orgânico e harmônico.

Ao considerar qual seria o quadro ideal da *ciência comparada* para o estudioso, Sertillanges aconselha o *Tomismo*, ou seja, a filosofia e a teologia desenvolvidas por Santo Tomás de Aquino, como esse conjunto de ideias e diretrizes. Sobre isso, diz o filósofo francês: “O tomismo é uma síntese. Por isso, não é uma ciência completa: mas a ciência completa pode servir-se dele como de um poder de coordenação e de sobrelevação quase miraculoso” (SERTILLANGES, 2019, p. 109). *Em Santo Tomás o professor pode encontrar as bases sólidas que serão fundamento para a aquisição da ciência específica que for lecionar, especialmente o professor de filosofia.* Ali, na filosofia de Santo Tomás, estão postos os primeiros princípios que iluminam a razão no caminho das conclusões das ciências. Prossegue Sertillanges:

Nenhuma metafísica oferece às ciências da natureza princípios de ordenação e de interpretação superior mais confiáveis; nenhuma psicologia racional está numa relação melhor com o que a psicologia experimental e suas ciências anexas descobriram; nenhuma cosmologia é mais flexível e acolhedora às descobertas que desconcertaram tantas fantasias antigas; nenhuma moral serve melhor ao progresso da consciência humana e suas instituições. (SERTILLANGES, 2019, p. 110)

*Estudar Santo Tomás é como construir o edifício do saber sobre a rocha.* A vida intelectual do professor terá um mestre universal, cujos princípios são bases sólidas para o alicerce do saber. Assentadas as bases sólidas, o intelectual pode finalmente se aprofundar no seu objeto de estudo pessoal, seja a física, a gramática ou a geografia, entre outras.

Em *A vida intelectual*, são inúmeros os conselhos dados por Sertillanges. Escolhemos nos ater aos conselhos do espírito, mas pouco comentamos sobre as condições e métodos. Fizemos esta escolha devido à necessidade de compreendermos o que é a vida intelectual ou vida contemplativa na formação de um professor. A partir de agora, com o auxílio de Santo Tomás de Aquino, queremos compreender o âmbito em que acontece o ensino, se na vida ativa ou na vida contemplativa, mostrando o que caracteriza uma e depois a outra, e, por fim, definindo onde se dá o ato de ensinar.

## **Sobre o *De Magistro* e o ensino**

Tendo em mente que vamos estudar precisamente a pedagogia de Santo Tomás de Aquino, é preciso, antes de mais nada, dizer o seguinte:

S. Tomás de Aquino não escreveu nenhuma obra tematicamente dedicada à filosofia da educação. Se quiséssemos ser mais exatos, na verdade escreveu uma só, tão minúscula que pode ser resumida nas poucas linhas de um único parágrafo; são as *Quaestiones Disputatae de Magistro*, nas quais Tomás de Aquino afirma que no ensino o professor não pode, por uma necessidade ontológica, ser a causa principal do conhecimento. Esta causa é a atividade do aluno; o papel do mestre não é o de infundir a ciência, mas o de auxiliar o discípulo. “Assim como o médico é dito causar a saúde no enfermo através das operações da natureza, assim também o mestre”, diz Tomás de Aquino, “é dito causar a ciência no discípulo através da operação da razão natural do discípulo, e isto é ensinar”. Se o mestre tentar seguir uma conduta diversa, diz ainda Tomás, o resultado será que ele “não produzirá no discípulo a ciência, mas apenas a fé”. Eis tudo, pois, quanto num primeiro e rápido exame, S. Tomás de Aquino parece nos ter

a dizer sobre filosofia da educação; sua filosofia da educação é isto ou pouco mais do que isto. Aparentemente, uma verdadeira decepção. E, no entanto, que engano, e que tremendo engano, cometeriam aqueles que assim pensassem. (A EDUCAÇÃO, [s.d.], p. 4)

Aqueles que quiserem se aprofundar nessa pedagogia — que aparentemente não existe, mas que há de fato e é profunda — o devem fazer. Salientamos que nosso objetivo não é discutir o que é o ensino para Santo Tomás, mas sim propor o que acontece com o professor no *ato de ensinar*, o que acontece após a aquisição do conhecimento. Isto é, mostrar que o professor sai da vida contemplativa e vai para a vida ativa. Tomemos como pressuposto aquilo que Santo Tomás ensina nos três primeiros artigos da questão exposta em *De Magistro: o professor ensina*. Mas o que é ensinar? *Ensinar é fazer o aluno conhecer as conclusões que o mestre já conhece através das próprias capacidades do aluno*. Discutiremos a partir do quarto e último artigo da questão se o ato de ensinar é ato da vida contemplativa ou da vida ativa. Além disso, se sendo da vida ativa, teria como preliminar a vida contemplativa? Eis as questões que investigaremos.

*De Magistro*, que integra as *Questiones disputatae de veritate*<sup>3</sup>, é composto de quatro artigos, a saber: (1) Se o homem — ou somente Deus — pode ensinar e ser chamado de mestre; (2) Se se pode dizer que alguém é mestre de si mesmo; (3) Se o homem pode ser ensinado por um anjo; (4) Se ensinar é um ato da vida ativa ou da vida contemplativa (DE GODOI, 2013, p. 65).

Ao explicar se o homem pode ser chamado mestre ou somente Deus, o Doutor Angélico enfatiza que preexistem em nós algumas habilidades que ele chama de razões naturais ou razões seminais que estão em potência, e essas são infundidas por Deus. Todavia, são passadas ao ato por um agente extrínseco próximo, e não diretamente por Deus:

Do mesmo modo que se diz que o médico causa saúde no doente pela atuação da natureza, também se diz que o professor causa conhecimento no aluno com a atividade da razão natural do aluno. E é nesse sentido que se diz que um homem ensina outro homem, pois o aluno recebe em potência aquilo que com a ajuda do mestre se torna ato. (*De veritate*, q. 11, a. 1)

A capacidade de conhecer existe no homem, mas de forma passiva: *“Intellectus potentia animae est”* (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 1, resp). Deus, ao criar a espécie humana, dotou-a com a capacidade para conhecer a realidade, seja intuitivamente, seja raciocinando:

Pois, entender é apreender, pura e simplesmente, a verdade inteligível; ao passo que raciocinar é proceder de uma para outra inteligência, para conhecer a verdade inteligível. Por onde, os anjos que possuem perfeitamente, ao modo da sua natureza, o conhecimento da verdade inteligível, não têm necessidade de proceder de uma para a outra; mas, simplesmente e sem discurso, apreendem a verdade das coisas, como diz Dionísio. Porém, os homens chegam a conhecer a verdade inteligível, procedendo de uma para outra, como diz o mesmo autor, no mesmo passo; e, por isso, se chamam racionais. Ora, é patente que o raciocinar está para

---

<sup>3</sup> Utilizaremos daqui em diante *De veritate* para se referir à obra citada, cuja edição utilizada será a publicada em língua portuguesa, pela Editora Ecclesiae, com o título de *Questões disputadas sobre a verdade*.

o inteligir, como o ser movido para o repousar, ou o adquirir para o possuir; dos quais termos um pertence ao perfeito, o outro, porém, ao imperfeito. E como o movimento sempre procede do imóvel e termina no repouso, daí vem que o raciocínio humano, por via de inquirição ou de invenção, procede de certos princípios absolutamente inteligidos, que são os primeiros princípios; e, de novo, por via do juízo, volta, decompondo, aos primeiros princípios, à luz dos quais examina o que descobriu. Ora, é manifesto, que o ser movido e o repousar, mesmo nas coisas naturais, não se reduzem a potências diversas, mas a uma só e mesma; pois, é pela mesma natureza que uma coisa se move e repousa localmente. Logo, com muito maior razão, pela mesma potência inteligimos e raciocinamos. (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 8, resp)

O professor tem a missão de tornar ato o que está em potência na alma do estudante — e deste modo ele é um instrumento da providência divina —, pois ele já conhece os princípios, causas e conclusões do ser estudado: “Verdadeiramente pode-se dizer que o homem é verdadeiro mestre, e ensinando a verdade e iluminando a mente, não infundindo a luz à razão, mas ajudando a luz da razão, para a perfeição da ciência através daquelas coisas que propõem exteriormente” (*De veritate*, q. 11, a. 1, resp). Não se passa de potência para ato sem que o agente já esteja em ato, deste princípio metafísico da filosofia de Santo Tomás se deduz a necessidade de sermos ensinados. Assim sendo, a função do professor é conduzir o aluno ao conhecimento, porque este já possui, em sua natureza, uma predisposição a aprender. Logo, o homem pode ensinar outro homem.<sup>4</sup> Por isso, podemos dizer com Santo Tomás que ensinar é contribuir para que o aluno desenvolva as suas capacidades e faculdades, desde as mais inferiores, até as mais superiores, como a inteligência e a vontade.

### **O ato de ensinar como ato da vida ativa**

A compreensão de que o professor precisa estudar e preparar sua vida intelectual, em concordância com a certeza de que o professor ensina o aluno e o ajuda a atualizar suas potencialidades, prepara-nos para discutirmos se o *ato de ensinar é ato da vida ativa ou da vida contemplativa*.

No quarto artigo de *De Magistro*, Santo Tomás começa distinguindo os objetos e as finalidades da vida contemplativa e da vida ativa. Diz o Santo Doutor que a distinção se fundamenta na diferença entre o objeto e o fim de ambas. A vida contemplativa visa aquelas coisas que não passam, a vida ativa, por sua vez, tem por fim as coisas e relações temporais. Vejamos, no artigo em questão, o que escreve Santo Tomás:

A matéria, com efeito, da vida ativa são as coisas temporais, acerca das quais o ato humano versa. A matéria, porém, da vida contemplativa são as razões das coisas, nas quais o contemplativo insiste. E esta diversidade da matéria provém da diversidade do fim: assim como em todas as outras coisas, a matéria é determinada segundo a exigência do fim. (*De veritate*, q. 11, a. 4, resp)

---

<sup>4</sup> A esse respeito, comenta Pichler (2010): “Enfim, pautado em uma premissa maior ou uma imagem, que, assim como o médico causa a saúde no doente pela atuação da natureza, com a ajuda de instrumentos e remédios, também se diz que o professor, por meio de sinais, causa conhecimento no aluno, com a atividade da razão natural dele, isto é, a partir das potencialidades do mesmo, porque ensinar é um movimento que vai de potência ao ato”.

O professor, na formação de sua vida intelectual, tem como fim a sabedoria. Ao ensinar, o professor deseja conduzir o aluno a esta mesma sabedoria e ciência. Mas a ciência e a sabedoria somente podem ser adquiridas pelo conhecimento das causas das coisas, pois a ciência se dá pelo conhecimento das causas segundas e a sabedoria pelo das causas primeiras e mais elevadas. Além do mais, este conhecimento, como vimos, exige profundidade e constância. Contudo, a vida de estudos deve encaminhar ao conhecimento da verdade, assim como o ato de ensinar do mestre deve conduzir o aluno a chegar à verdade por si mesmo, conforme ensina o Aquinate “O fim, com efeito, da vida contemplativa, conforme agora tratamos, é a visão da verdade, digo, incriada, segundo o modo possível ao contemplativo; a qual é vista, nesta vida, de modo imperfeito, enquanto na futura, perfeitamente” (*De veritate*, q. 11, a. 4, resp). Fica claro que o ato de formação intelectual do mestre se dá pela vida contemplativa, que, sendo bem conduzida, deve contribuir ao conhecimento das verdades essenciais, para depois ensiná-las. É importante percebermos que o professor, após chegar às conclusões das ciências, tem potencial para ser útil ao estudante na sua aprendizagem. Ao discutir sobre o ato de ensinar, o Doutor Angélico reflete também sobre a finalidade da vida ativa, e, ao cabo, relaciona seu fim à utilidade desta vida: “o fim da vida ativa é a operação pela qual se procura a utilidade dos próximos.” (*De veritate*, q. 11, a. 4, resp). Por exemplo, quando um pai ensina seu filho a caminhar, ensina a ele uma ciência, além disso, ensina-o a operar, a fazer algo muito útil a essa vida, e também o prepara a bem raciocinar, conhecendo os princípios e regras do bem andar. Neste momento, porém, parece que existe uma incerteza no *De Magistro*. Será que ensinar é ato da vida contemplativa ou da vida ativa?

Santo Tomás, ao tratar do ato de ensinar, faz nova distinção para explicar a matéria do ato. Sobre isso, escreve o autor: “No ato de ensinar, encontramos dúplici matéria, para cujo sinal também o ato de ensinar se une com duplo acusativo. É assim *una* é a sua matéria, a própria coisa que se ensina; *outra* aquele ao qual se transmite a ciência” (*De Veritate*, q. 11, a. 4, resp). Uma coisa é a ideia, a verdade, o conteúdo que se transmite, que constitui ato da vida contemplativa: “pela razão da primeira matéria, o ato de ensinar pertence à vida contemplativa” (*De Veritate*, q. 11, a. 4, resp). O aluno, de certa forma, no ato de ensinar realizado pelo professor, contempla a verdade do que está sendo ensinado, especula sobre os princípios, conhece as causas, chega à sabedoria. Por este ângulo, o ato de ensinar é ato da vida contemplativa, devido à matéria que é ensinada, devido à luz sobre a realidade que é esclarecida. Entender que  $2 + 2$  é igual a 4 é um ato de ensino, mas também é um ato contemplativo da verdade imutável, um ato de adequação do intelecto do aluno à verdade ensinada pelo mestre.

Contudo, a relação que acontece entre o professor e o aluno “pertence à vida ativa” (*De veritate*, q. 11, a. 4, resp), isto é, o ato de ensinar, segundo Santo Tomás, se realiza plenamente no segundo momento, quando há a transmissão da ciência ao aluno, pois este seria o fim intencionado pelo ato de ensinar, para o qual o aluno se inclina e também por ser o fim para o qual existe o professor. O que é ensinado, isto é, o conteúdo ou a ideia pertence à vida contemplativa, mas a finalidade do ensino só acontece absolutamente na relação entre mestre e aluno, ou melhor, o ensino se atualiza após este contato, que se dá na vida ativa. Eis o que escreve Santo Tomás de Aquino:

Mas da parte do fim o ensinamento parece pertencer somente à vida ativa, porque a última matéria dela, na qual se consegue o fim intencionado, é matéria da vida ativa. Daí que pertence mais à ativa que à contemplativa, embora, de certa maneira, pertença à contemplativa. Como se evidencia do que foi dito. (*De Veritate*, q. 11, a. 4, resp)

Ora, assim como as duas atividades acima têm conteúdos diferentes, o ato de ensinar, gramaticalmente, também tem dupla matéria: de um lado, ensina-se uma determinada matéria, isto é, a própria realidade de que aborda o ensino — função da vida contemplativa —; e de outro, ensina-se conteúdos a alguém, a quem o conhecimento é transmitido — função da vida ativa, prática —. Por isso, ao ensinar, o mestre é extremamente útil para a vida humana e para a sociedade, pois por meio dele o homem chega mais facilmente ao seu fim — pois o *labor* intelectual é diminuído, facilitado —, sem negar ao mesmo tempo a perfeição do discípulo que é ensinado e conduzido. Além disso, o homem, por meio do ensino, pode fazer florescer o conhecimento em outro homem, porque já possui em ato algo que o discípulo tem em potência:

Poderíamos concluir com Tomás que Deus é quem principalmente ensina ao homem, dando-lhe potências. O homem, entretanto, pode desenvolver para si mesmo as potências, descobrindo por indução as essências das coisas. Contudo, ele pode recorrer a um mestre que ajude a sua natureza, tal como faz o médico ao paciente, ministrando-lhe os medicamentos que a natureza aplica como instrumento de cura. (SILVA, 2007, p. 95)

Para os sábios, ensinar é “dar pão aos famintos, ensinar a palavra de sabedoria aos ignorantes” (*De veritate*, q. 11, sed contra), pois é um ato nobre da vida ativa, e, segundo a Teologia Católica, uma das obras de misericórdia, pois conduz os homens das trevas da ignorância, para a luz da verdade. Todo homem — como dizia Aristóteles (*Metafísica*, 980a) — deseja saber, por isso, ensinar a verdade é de certo modo saciar esse desejo natural.

Na ordem dinâmica da aquisição do conhecimento é preciso agir para chegar à verdade, por essa razão, o ensino, a meditação, a repetição e o estudo podem ser considerados como uma ação, um trabalho, uma prática: “O fim da vida ativa é a operação, aquela que é entendida útil ao que é próximo” (*De Veritate*, q. 11, a. 4, resp). Ensinar a verdade é útil para esta vida, tanto para quem ensina, quanto para quem aprende, por isso, é preciso localizar o ensino da verdade, de certo modo, na vida prática, pois obramos em vista deste conhecimento. Ora, estudar, assim como ensinar, é uma obra, uma operação. Todavia, quando estudamos, aperfeiçoamos a nós mesmos, quando ensinamos, antes de tudo, visamos aperfeiçoar o outro:

Há uma dupla atividade: a exterior e a interior. Ora, o que é prático ou operativo, e se opõe ao especulativo, se funda na atividade exterior, ao que não se ordena o hábito especulativo. Mas este se ordena à atividade interna do intelecto, consistente em especular a verdade; e por este lado é um hábito operativo. (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I-II, q. 57, a. 1, resp ad 1)

Quando o professor ensina, ele realiza um ato da vida ativa — que é ato exterior e prático — visando obter os frutos na alma do discípulo. Por outro lado, quando o aluno aprende, ele contempla, mesmo que esse contemplar seja seu *obrar* mais elevado. Por

isso, no ensino, toda a vida ativa deve dar condições para que o homem desenvolva sua vocação à contemplação, que é o fim do ensino e da educação. Neste sentido, o ato de ensinar — que é ativo — contribui para a perfeição da alma humana, que possui seu bem na contemplação da verdade: “Assim, a boa ordem de viver é fazer que a vida ativa tenda à contemplativa” (*De Veritate*, q. 11, a. 4, resp ad 2).

Portanto, segundo Santo Tomás de Aquino, o ato de ensinar é ato da vida ativa *simpliciter*, isto é, absolutamente, pois é na atividade de ensinar que o ensino se realiza mais perfeitamente. No entanto, *secundum quid*, ou seja, segundo a verdade ensinada também, o ensino tem seu caráter de ato contemplativo e especulativo que aperfeiçoa o intelecto. Ato que possui como ator principal o aluno, pois é este que a ação de ensinar visa como fim.

### Considerações finais

Para uma melhor compreensão da formação da vida intelectual do mestre, utilizamos como base a obra *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seu método*, de Antonin-Dalmace Sertillanges. Ao analisarmos a obra, observamos que a constituição da vida intelectual do professor lhe atribui a necessidade de uma vida de estudos, de preparo, de esforço e ordem. Além do mais, descobrimos que essas são condições exteriores que brotam de condições interiores, de hábitos e virtudes que predis põem o intelectual ao aprofundamento do saber. Sertillanges define a vida intelectual como vocação, um chamado interior à contemplação da verdade, diferenciando-a de uma vida de curiosidade.. Isto é a preocupação e ato primeiro da formação do professor, e constitui formalmente a vida contemplativa, na qual o professor tem por objetivo *conhecer as causas das coisas*, para, deste modo, conhecer a verdade e poder ensiná-la.

Após esse processo, entendemos e procuramos argumentar, a partir de *De Magistro*, de Santo Tomás de Aquino, que o *ato de ensinar*, é, de certo modo, diferente do ato da formação da vida intelectual, isto é, o ato de ensinar é ato da vida ativa, devido ao envolvimento que há entre o *docente* e o *aluno*. Nesse sentido, tem duplo objeto o ato de ensinar: a matéria que é ensinada; e aquele a quem essa matéria é transmitida. A realização do ensinamento acontece plenamente quando a matéria é transmitida, e isso ocorre pela ação, pela práxis, na vida ativa. Contudo, como enfatizamos neste trabalho, ser professor tem como pré-requisito a vocação intelectual, que realizasse na vida contemplativa em essência. Não é possível realizar o ato de ensinar sem saber o que ensinar, e a aquisição de sabedoria somente se concretiza por uma sólida formação intelectual.

A partir daqui, esperamos propiciar uma compreensão mais ampla e aprofundada da doutrina sobre o processo educativo desenvolvida pelo *Doctor Angelicus*, a partir das teses elencadas no *De Magistro*, como também das implicações oriundas da perspectiva de pensamento tomásico, fazendo com que se perceba a originalidade e a grande colaboração de Tomás de Aquino, tanto para o ambiente da Filosofia, como para o campo da Educação.

## Referências Bibliográficas

A EDUCAÇÃO segundo a filosofia perene: síntese sobre a educação humana. Cristianismo.org [s. l.] [s. d.] [n. p.]. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/efp1-1.htm>. Acesso em: 25 set. 2023.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. do gregode Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

\_\_\_\_\_. *Metafísica*. Traducción de V. G. Yebra. Madri: Gredos, 1987.

DE GODOI, R. A. A concepção educacional de Tomás de Aquino: um estudo do De Magistro. *Theoria*, Porto Alegre, v. 5, n. 14, p. 61-83, 2013. Disponível em: [http://www.theoria.com.br/edicao14/a\\_concepcao\\_educacional\\_de\\_tomas\\_de\\_aquino.pdf](http://www.theoria.com.br/edicao14/a_concepcao_educacional_de_tomas_de_aquino.pdf). Acesso em: 25 set. 2023.

GARDEIL, H. D. *Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino: Psicologia, Metafísica*. São Paulo: Paulus, 2013.

JOLIVET, R. *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1953.

PICHLER, A. N. O ensino na obra De Magistro de Tomás de Aquino. *Revista Thaumazen*, Santa Maria, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2010.

SERTILLANGES, A.D. *A vida intelectual: Seu espírito, suas condições, seus métodos*. Campinas, SP: Kíron, 2019.

TOMÁS DE AQUINO. *De Magistro: sobre o Mestre (Questões disputadas sobre a verdade, XI)*. São Paulo: Unisal, 2000.

\_\_\_\_\_. *Quaestiones disputatae de Veritate*. Opera omnia. Roma: Leonina, 1972.

\_\_\_\_\_. *Questões disputadas sobre a verdade*. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2023.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Correia. Campinas, SP: Ecclesiae, 2016.

**Recebido em:** 05 abr. 2022 — **Aceito em:** 26 set. 2023.